



Luiz Eduardo Pinto Barros

Recebido: 1 de fevereiro de 2026

Revisado: 3 de junho de 2026

Aceito: 3 de junho de 2026

Publicado: 30 de junho de 2026

Fronteiras Culturais no Sul de Minas entre Poços de Caldas e Andradas: Identidade, Memória e Rivalidade no Clássico entre Caldense e Rio Branco (1987-2007)

Resumo

O tema do presente trabalho trata de um exemplo sobre como o esporte esta inserido nas fronteiras culturais. No âmbito geográfico pesquisamos a dinâmica entre as cidades de Poços de Caldas e Andradas no Sul de Minas Gerais e a poucos quilômetros da divisa com o estado de São Paulo. Poços de Caldas é o principal município da microrregião e é conhecida em todo o Brasil por questões turísticas, pelas águas termais e a mineração vulcânica. Por outro lado, Andradas é uma cidade menor e pouco conhecida no país, apesar de gradualmente ser reconhecida como uma das principais e mais tradicionais produtoras de vinho de Minas Gerais e possui destaque na área no Brasil. A realidade distinta de ambos os municípios foi materializado em clima de rivalidade no futebol entre a Caldense e o Rio Branco na elite do Campeonato Mineiro por vinte anos (1987-2007). O confronto envolvia simbolismo, representação e identidade entre as duas cidades que muitas vezes gerou clima de tensão e violência fora dos gramados. O método de pesquisa envolve a análise de fontes escritas e audiovisuais. Percebemos que o fim do clássico do Sul de Minas deixou um sentimento de nostalgia que envolvia pertencimento e paixão.

Palavras-chave: Rivalidade Esportiva; História; Coletividade.

Cultural Frontiers in Southern Minas Gerais between Poços de Caldas and Andradas: Identity, Memory, and Rivalry in the Derby between Caldense and Rio Branco (1987–2007)

Abstract

The theme of this study examines an example of how sports are embedded within cultural boundaries. From a geographical perspective, we investigate the dynamics between the cities of Poços de Caldas and Andradas, in Southern Minas Gerais, located a few miles from the border with the state of São Paulo. Poços de Caldas is the primary municipality of its microregion and is nationally renowned for tourism, thermal springs, and volcanic mining. Conversely, Andradas is a smaller and less widely known city, despite its growing recognition as one of the most traditional and prominent wine producers in Brazil. The distinct realities of these two municipalities materialized through a football rivalry between Caldense and Rio Branco in the top tier of the Minas Gerais State Championship for twenty years (1987-2007). This confrontation involved symbolism, representation, and identity, which often generated a climate of tension and violence off the pitch. The research methodology involves the analysis of written and audiovisual sources. We observe that the end of this Southern Minas "derby" left a sense of nostalgia rooted in belonging and passion.

Keywords: Sports Rivalry; History; Collective.

Introdução

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos analisar o futebol como algo que vai além do esporte. Isto porque na contemporaneidade o esporte pode ser considerado como um dos mais expressivos fenômenos socioculturais, atuando como elemento catalisador de identidades, memórias e rivalidades territoriais como menciona Arlei Damo (2007). Por não ser um evento isolado, o jogo praticado no gramado reflete, tensiona e materializa dinâmicas espaciais e sociais preexistentes no cotidiano. No Sul de Minas Gerais, a relação intermunicipal entre Poços de Caldas e Andradas (a distância é de 40 km entre ambas) oferece um cenário empírico fecundo para analisar como as chamadas "fronteiras culturais" são encenadas por meio do futebol.

A microrregião estudada é marcada por uma nítida assimetria socioespacial e demográfica. Poços de Caldas consolida-se como o principal polo econômico, industrial e turístico local, com uma população estimada em 163 mil habitantes e forte apelo nacional devido às suas águas termais e mineração. Em contrapartida, Andradas apresenta-se como um município de menor proporção territorial e populacional, com cerca de 40 mil habitantes, mas dotado de forte sentido de pertencimento enraizado na tradição agrícola e na produção vinícola (Terra do Vinho). Essas realidades distintas encontraram no clássico entre a Associação Atlética Caldense e o Rio Branco de Andradas um instrumento para disputas simbólicas de poder e prestígio regional.

Do ponto de vista histórico, a elite do Campeonato Mineiro testemunhou a efervescência desse confronto por exatas duas décadas (1987-2007). O embate entre a Caldense (fundada em 1925, estrutura poliesportiva robusta e campeã estadual em 2002) e o Rio Branco (nascido em 1948, profissionalizado em 1986 e tricampeão do interior nas décadas de 1990 e 2000) extrapolava as quatro linhas. O clássico regional mobilizava torcedores de diversas cidades limítrofes mineiras e paulistas, transformando o espaço público e, por vezes, gerando episódios de fricção e violência fora dos gramados que evidenciam a profundidade do fenômeno cultural ali instalado.

Diante desse cenário, emerge o problema central desta investigação: *como o confronto entre Caldense e Rio Branco operou como um instrumento de demarcação de fronteiras culturais e de afirmação de identidades locais no Sul de Minas Gerais?* Como hipótese de trabalho, assume-se que o clássico servia como uma espécie de "teatro ritualizado" no qual o município demograficamente menor (Andradas) encontrava no campo a oportunidade de subverter a dominação simbólica exercida pelo polo regional (Poços de Caldas).

Para compreender essa temática, este trabalho estabelece como objetivo geral analisar a dinâmica da rivalidade entre os dois clubes no período de 1987 a 2007, identificando como os elementos de pertencimento e identidade eram acionados pelas torcidas. Especificamente, busca-se pesquisar o papel da memória esportiva nas duas cidades em relação aos confrontos diretos dentro de campo mesmo após o encerramento das atividades profissionais do Rio Branco de Andradas em 2009.

A justificativa deste estudo apoia-se na necessidade de descentralizar as pesquisas da Sociologia do Esporte e da Geografia Cultural no Brasil, frequentemente concentradas nos grandes clássicos das capitais. Ao desvendar um artigo sobre uma rivalidade de uma região interiorana de Minas Gerais, este trabalho contribui para o mapeamento do patrimônio imaterial regional e demonstra como o futebol existente longe dos grandes centros atua na manutenção de geografias afetivas e fronteiras identitárias marcantes.

2.Referencial Teórico

Para compreender a efervescência e a profundidade da rivalidade entre Caldense e Rio Branco, faz-se indispensável recorrer ao arcabouço teórico de Pierre Bourdieu, especificamente aos conceitos de *campo*, *habitus* e *capital simbólico*. O esporte, sob esse ponto de vista, não constitui uma esfera isolada, mas sim um *campo* social com autonomia relativa, permitindo que os agentes disputem posições de prestígio e a legitimação de determinados capitais culturais.

O *habitus* pode ser compreendido como um sistema de “disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções de apreciações e ações incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias sociais (Bordieu, p.65, 2007). A paixão pelo clube, os costumes praticados nos estádios e a própria percepção do "outro" (o rival) são estruturados a partir das circunstâncias reais de existência de cada comunidade. Assim, a rivalidade futebolística entre as duas cidades reflete um embate de *habitus* distintos: de um lado, o prestígio de uma hegemonia regional portadora de um capital simbólico associado à centralidade urbana (Poços de Caldas); de outro, um *habitus* de enfrentamento e diferenciação que busca subverter essa dominação (Andradas).

Ademais, o conceito de “fronteira cultural” não se limita às demarcações político-administrativas e cartográficas. A fronteira é uma construção social contínua, uma zona de transição e de tensão onde as diferenças são acentuadas para delimitar o "nós" em relação aos "outros". No

Sul de Minas, o clássico regional funcionava como o teatro ritualizado no qual essas fronteiras, invisíveis no cotidiano, ganhavam contornos nítidos e materiais a cada noventa minutos.

3. Metodologia

No desenvolvimento do presente trabalho fazemos uso da autoetnografia, um método de pesquisa qualitativo a fim de mostrar o seu testemunho e analisamos como fontes os recursos audiovisuais disponíveis, sendo documentários e reportagens especiais de programas jornalísticos regionais do Sul de Minas Gerais. Sendo assim, necessitamos mencionar brevemente como estas fontes são trabalhadas.

3.1. Autoetnografia Analítica

Diferente dos formatos puramente evocativos ou confessionais, este estudo ancora-se na autoetnografia analítica (Anderson, 2006). O investigador, na condição de membro nativo da comunidade regional e observador participante dos eventos narrados, toma a sua própria vivência e memória afetiva como dados primários de pesquisa. Segundo Leon Anderson, “o pesquisador é um ator social altamente visível dentro do texto escrito” (2006, p. 384).

Para salvaguardar a validade científica do relato e evitar o viés puramente anedótico, aplicou-se o princípio da triangulação de dados. As impressões e memórias pessoais foram sistematicamente confrontadas, validadas e mensuradas a partir do cruzamento com o referencial teórico sociológico e com as fontes documentais. A subjetividade do autor é assumida não como um fim, mas como um recurso de investigação especializada a fim de acessar as variações do *habitus* local que registros meramente estatísticos não poderiam capturar.

3.2. Análise de Conteúdo de Fontes Audiovisuais e Documentais

No desenvolvimento da presente pesquisa fizemos uso de fontes como: o documentário institucional "O Azulão da Mantiqueira" (2025), reportagens televisivas da TV Caldense e acervos digitais de periódicos regionais da época. O tratamento e a interpretação desse material foram submetidos a uma análise de conteúdo, estruturada em três fases operacionais:

1. **Pré-análise:** Realização de leitura abrangente e assistir o material audiovisual para a seleção dos recortes discursivos diretamente associados à rivalidade entre os dois clubes.

2. **Exploração do material:** Compilação de unidades de registro e de significação baseadas nas expressões dos discursos de torcedores, dirigentes e narradores.
3. **Tratamento e categorização:** Agrupamento dos discursos codificados em dois grandes eixos temáticos: a *Identidade de Resistência e Insurgência Territorial* (representada pelo Rio Branco de Andradas) e a *Manutenção da Hegemonia e do Prestígio Regional* (representada pela AA Caldense).

A recorrência da temática futebolística no cinema brasileiro reflete a intenção de cineastas e espectadores de investigar como o esporte atua como catalisador das formas de sociabilidade. No âmbito do gênero documental, as produções que abordam o futebol estruturam-se a partir de variadas estratégias narrativas, recorrendo frequentemente ao uso de entrevistas, arquivos imagéticos e sonoros, narrações em *off* e, em determinados casos, relatos em primeira pessoa.

Essa inclinação para o registro do passado converge com o que Winter (2006) denomina como o "boom da memória" nas últimas décadas. Segundo o autor, observa-se contemporaneamente uma valorização acentuada do passado, que passa a ocupar espaços discursivos de relevância tanto na esfera cotidiana quanto na produção intelectual.

Entretanto, a eficácia do documentário enquanto guardião da memória pressupõe a existência de um arcabouço cultural que sustente tal atividade. A sociedade contemporânea apresenta uma multiplicidade de fatores que fomentam uma cultura da memória efervescente, permitindo que o suporte audiovisual atue como elo entre o vivido e o preservado.

A análise do discurso sob a perspectiva da memória exige a compreensão de que o dizer não é um ato isolado, mas um desdobramento de redes de significações preexistentes. Para Eni Orlandi (2005), a memória discursiva, ou interdiscurso, constitui o "já-dito", um reservatório de sentidos que sustenta todo dizer atual e determina o que é passível de ser enunciado em dada conjuntura histórica. Nesse sentido, o discurso não apenas transmite informações sobre o passado, mas o reconstrói e o ressignifica por meio de esquecimentos e silenciamentos estratégicos, os quais são inerentes à produção de sentidos e à manutenção de determinadas hegemonias ideológicas. Sendo assim, neste trabalho fazemos a mensuração dos discursos e confrontamos com as fontes escritas para uma análise sistemática

4.Resultados e Discussões

Fronteiras Culturais e Representações: O Esporte como instrumento

Para Pierre Bordieu (2021), a compreensão de fenômenos sociais exige uma análise que transcenda a mera observação histórica contextual. Segundo o autor, a realidade social deve ser interpretada por meio de uma perspectiva relacional, onde o foco recai sobre o espaço social e as dinâmicas de poder que o constituem. Neste segmento, o esporte é um campo social dotado de relativa autonomia. Ocorrem disputas internas entre agentes dominantes (que buscam manter a ortodoxia e o estado atual do campo) e dominados (que buscam a heresia ou a subversão para ascender). O valor de uma modalidade esportiva é definido em relação às outras e em concordância com o capital (econômico e cultural) de quem a pratica. No Brasil, o futebol é o esporte de maior valor social e econômico.

O processo de socialização é definido como a trajetória contínua de internalização da realidade e das normas sociais, iniciando-se na vida fetal e estendendo-se por toda a existência do indivíduo através da interação dialética com o outro e com o meio. Conforme a literatura sociológica clássica e as contribuições de Bonewitz (2003), este fenômeno estrutura-se em duas etapas fundamentais: a externalização (ou objetivação) e a internalização (ou incorporação).

A dinâmica entre o agente e o meio social fundamenta-se em um processo dialético de mútua constituição, no qual a externalização das subjetividades consolida o que se compreende por estrutura institucional. Sob essa ótica, as ações e percepções individuais não operam em um vácuo, mas são projetadas na realidade coletiva, conferindo objetividade e permanência a modos de agir e pensar que, gradualmente, passam a integrar o arcabouço normativo da sociedade. Essa objetivação é o que permite à estrutura social adquirir uma aparência de exterioridade e autonomia em relação aos sujeitos que a produziram.

Em contrapartida, o fenômeno da internalização atua como o mecanismo de incorporação dessas estruturas objetivadas, transpondo a ordem social para o cerne da subjetividade humana através da formação do *habitus*. Conforme aponta a exegese de Bonewitz (2003), esse sistema de disposições duráveis orienta as práticas sociais de forma reflexa, muitas vezes operando aquém da consciência plena. Assim, estabelece-se um ciclo contínuo de reprodução social, no qual a agência humana e a estrutura coexistem em uma tensão constante, garantindo tanto a manutenção da ordem vigente quanto a possibilidade de sua reiteração nas práticas cotidianas.

A socialização, que se inicia na vida fetal e se desenvolve pela interação contínua com o ambiente, estrutura-se inicialmente na socialização primária, onde a criança, imersa em uma forte carga afetiva com seus familiares, internaliza o mundo social como a única realidade possível e constrói seu *habitus*, as disposições profundas que guiarão sua percepção futura; esse alicerce é

posteriormente expandido pela socialização secundária, na qual o indivíduo se adapta a submundos específicos e aprende múltiplos papéis, como o de um atleta que, ao marcar um gol, externaliza toda essa aprendizagem ao celebrar com seus companheiros, demonstrando que sua reação de euforia, o abraço coletivo e o respeito às regras do jogo são o resultado direto da internalização das normas desse campo esportivo específico, transformando um instinto de alegria em uma prática socialmente codificada e reconhecida pelo grupo.

Bourdieu revisitou o esporte em conjunto com demais bens culturais e de lazer com o objetivo primordial de evidenciar, por intermédio da análise estatística e de outros métodos de investigação empírica, que os “gostos de classe” (compreendidos como o habitus assimilado em relação a um específico montante total de capital cultural e econômico) não constituem emanções subjetivas, fortuitas, assistemáticas ou resultantes das intenções deliberadas dos agentes. Em contrapartida, tais gostos configuram-se como um sistema de disposições estruturado e operado de forma coletiva, com o propósito de categorizar e diferenciar, aproximar e afastar objetivamente indivíduos e coletividades no interior do “espaço social de possíveis”.

“Esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele” (Bourdieu, 2021, p. 210).

Portanto, os “gostos de classe” funcionam como ferramentas de distinção e classificação. Ao optar por determinado esporte, o agente aciona, consensualmente, um mecanismo que o aproxima de seus pares e o distancia de outros grupos no “espaço social de possíveis”. O volume de capital cultural e econômico detido pelo agente define o que ele considera “apropriado” ou “distinto”, transformando o corpo e a prática física em sinais visíveis de posição social. Em última análise, o esporte atua como um potente catalisador da ordem social, onde a estrutura é internalizada na forma de gosto e externalizada na forma de distinção simbólica.

Diferentemente das perspectivas que priorizam a dimensão estética ou cultural do futebol, Gomes (2002) argumenta que a artisticidade desse esporte reside na sua capacidade de estetizar um elemento pragmático das relações sociais: a disputa territorial. Sob essa ótica, o futebol atua como uma metáfora dos choques inerentes ao cotidiano, transpondo para as quatro linhas tensões que

variam desde conflitos geopolíticos entre nações até querelas domésticas de vizinhança. A partida, portanto, transfigura o embate real em um espetáculo de ocupação e resistência espacial.

Nesse cenário, a bola deixa de ser um mero objeto técnico para tornar-se um instrumento de demonstração de posse e soberania. Conforme observa Gomes (2002), a dinâmica de deslocamento do esférico explicita a correlação de forças entre as equipes, revelando vulnerabilidades e consolidando o domínio sobre o oponente. Todavia, a especificidade do futebol reside no fato de ser um combate regulado: ao contrário das guerras convencionais, a violência é institucionalmente controlada e há uma simetria formal de condições que permite ao dominado, eventualmente, subverter a hierarquia e alcançar a vitória.

Dessa forma, a ampla difusão social do futebol justifica-se por sua capacidade de mimetizar situações da vida civil, oferecendo um senso de representatividade a diversos estratos sociais, desde bairros até nações inteiras. A arena esportiva converte-se em um espaço de afirmação identitária onde o controle geográfico é indissociável do prestígio simbólico. Como bem sintetiza o autor, "o campo de futebol é um território, pois é a partir do seu controle e domínio que uma equipe impõe seu prestígio, superioridade e poder sobre a outra" (Gomes, 2002, p. 235).

As Cidades de Poços de Caldas e Andradas no Sul de Minas

A cidade de Poços de Caldas é um dos principais pólos do Sul de Minas Gerais e a referência de uma microrregião. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui em torno de 163 mil habitantes. Sua fundação aconteceu em 6 de novembro de 1872. Seus espaços urbanos já foram utilizados para gravação de novelas e filmes nacionais. Ao longo de muitos anos a cidade foi palco de diversos eventos estaduais e nacionais de grande notoriedade nas áreas política, econômica, esportiva e cultural. Um dos mais tradicionais e que acontece há décadas é o Evento Nacional de Atividade Física (ENAF), o maior congresso de esporte, *fitness* e saúde das Américas, que oferece cursos, palestras e workshops para profissionais e estudantes da área.

Nas últimas décadas do século XX, Poços de Caldas consolidou-se como uma "cidade média" de importância regional estratégica. O crescimento industrial trouxe consigo um crescimento populacional que expandiu as fronteiras urbanas para além do centro histórico, gerando novos bairros e desafios de infraestrutura. O município tornou-se também um polo universitário e

de serviços, exercendo influência direta sobre dezenas de municípios vizinhos no Sul de Minas e no Leste Paulista, equilibrando sua herança histórica com as exigências de uma economia moderna.

O turismo também se transformou radicalmente na virada do milênio. Deixando de ser um reduto exclusivo de uma elite restrita, Poços de Caldas abriu-se para o turismo de massa, atraindo famílias e grupos de todo o Sudeste brasileiro interessados no clima serrano e nos atrativos naturais. A economia da cidade passou a caminhar sobre três setores: o turismo diversificado; a mineração/indústria; e o setor de serviços e educação, garantindo indicadores de qualidade de vida superiores à média nacional.

Por ser a principal cidade da sua microrregião, Poços de Caldas recebe moradores das cidades vizinhas para utilizar os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Os atendimentos são das mais diversas áreas da saúde e são reconhecidos pela qualidade. Em dezembro de 2025, o município conquistou o 1º lugar no Congresso Viver SUS Regional no Sul de Minas (PREFEITURA DE POÇOS DE CALDAS, 2025). A localização geográfica da microrregião de Poços de Caldas pode ser verificada na figura abaixo.

Figura 1: Microrregião de Poços de Caldas



Fonte: Wikipédia (2026)

Assim como várias cidades de pequeno porte no interior do Brasil, a dinâmica entre o mundo urbano e o rural é constantemente vivenciada em Andradas. O município foi criado em 22 de fevereiro de 1890 e, segundo o IBGE, possui pouco mais de 40 mil habitantes. Do ponto de vista econômico, a mão de obra nas roças gera consumo no comércio da cidade. O trabalho no cultivo de

café, folhas e folhagens são os mais comuns. Na área industrial, a área de alimentos (bolachas, biscoitos e laticínios), louças e cerâmicas (louça sanitária), além de moveis e confecções (vestuário, malhas e moda em couro) são de grande relevância para a economia andradense.

Um dos elementos mais peculiares da história de Andradas, conforme sugerido pelo arrolamento das fontes, é o impacto profundo da imigração, particularmente a italiana. A chegada desses imigrantes a partir do final do século XIX alterou não apenas a demografia, mas a própria vocação econômica do município. Embora o café fosse à cultura predominante na região, os colonos italianos introduziram e desenvolveram a vitivinicultura. Essa atividade transformou a paisagem agrícola e consolidou Andradas no cenário nacional como a "Terra do Vinho", criando uma identidade cultural que se manifesta até hoje em suas festas, culinária e arquitetura (Glezer, 2020).

Em setembro de 2025, a cidade ganhou o título de “Capital Mineira do Vinho” A lei foi assinada pelo governador Romeu Zema em 8 de setembro e publicada no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais. O município tem sete vinícolas que produzem quase 4 milhões de litros de vinho por ano (G1 Sul de Minas, 2025).

Desde 1954, ocorre em Andradas a Festa do Vinho que tem como premissa a divulgação dos vinhos, o desenvolvimento vinícola e a exploração de produtos de diferentes setores industriais e comerciais da cidade, juntamente com a Exposição e Feira Industrial e Comercial de Andradas (EXPOFICA), que acontece simultaneamente no mês de julho desde os anos 1990. Os eventos atraem turistas da região que ainda prestigiam os shows musicais de cantores e bandas famosas na Festa do Vinho.

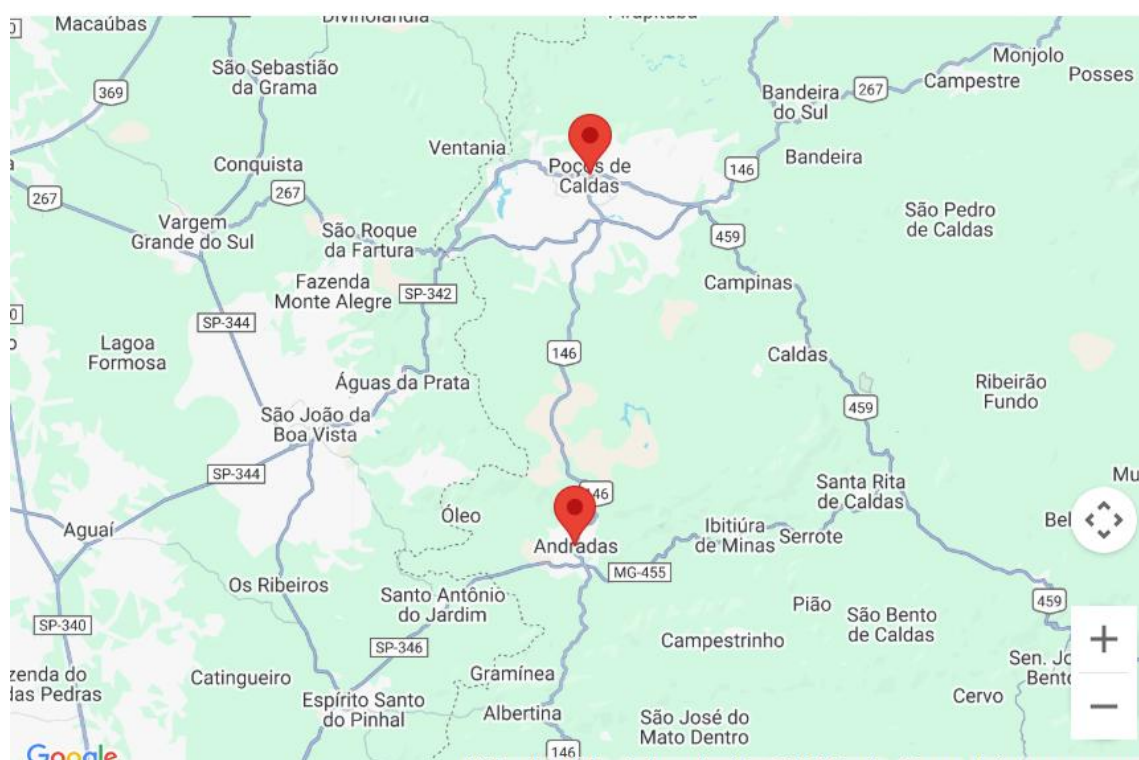
Do ponto de vista de atividades de lazer, Andradas é conhecida pela exploração do turismo rural e muitas pessoas visitam cachoeiras na região. Em se tratando de eventos esportivos nacionais e internacionais, competições de paraplanagem e paraquedas acontecem anualmente no Pico do Gavião. Além disso, o local recebe eventos de bem-estar como Yoga no Pico e é palco para competições de Bike e Trekking, sendo um polo de aventura e natureza na Serra da Mantiqueira, com atividades abertas todos os dias. Um dos festivais de música mais conhecidos do Brasil e acontece na região é o *Blues nas Montanhas* que aquece o turismo local.

Apesar dos avanços em vários setores, muitos moradores de Andradas necessitam se deslocar a Poços de Caldas para usufruir de certos serviços nas áreas de saúde, comércio, lazer e turismo. Outra questão relevante e que deve ser mencionada esta relacionada à identidade do andradense que deixa a sua região e vai para outro lugar independente do motivo (emigração, turismo, lazer). Supondo que esteja em algum lugar mais distante dentro do território nacional,

quando questionado de onde ele é, certamente responderá (além de ser mineiro) que sua cidade de origem é “próxima de Poços de Caldas”. Algo comum para qualquer pessoa que vive numa cidade de pequeno porte não conhecida nacionalmente do ponto de vista popular. Isto não o faz sentir menor, mas reflete que a sua cidade não tem a “popularidade da vizinha”. E é neste cenário que o futebol se torna um instrumento de identidade para o indivíduo andradense.

Na imagem abaixo é possível conferir o mapa que demonstra a distância entre Poços de Caldas e Andradas no Sul de Minas Gerais.

Figura 2: Mapa de trajeto: Andradas (MG) a Poços de Caldas (MG).



Fonte: Google Maps (2025)

A Caldense

O futebol chegou a Poços de Caldas por meio de Paulino de Souza, em 1904, sendo um dos fundadores do Football Club Caldense. Outras duas associações surgiram em seguida, o Internacional FC e o Local FC. Duas décadas depois, ambas as associações encerraram as suas

atividades e alguns de seus membros remanescentes se reuniram para fundar a Associação Atlética Caldense, em 1925. No ano seguinte, o clube fez uma fusão com o Gambrinus FC para dar origem ao grêmio esportivo local (Muniz, 2025).

A trajetória institucional da Associação Atlética Caldense é intrinsecamente ligada à sua expansão patrimonial e ao fortalecimento de sua identidade territorial em Poços de Caldas. A partir de 1938, com a sucessão de sedes e a posterior denominação do Estádio Coronel Cristiano Osório, o clube iniciou um processo de fixação espacial que culminou, em 1962, na aquisição definitiva do terreno de sua sede social. Esta transação, viabilizada por uma trílice parceria entre o clube, o poder público municipal e a família Osório, representou o marco jurídico e infraestrutural que permitiu a modernização das instalações e o fomento das atividades poliesportivas, elevando o status da agremiação na comunidade local.

No âmbito do desempenho esportivo, o período entre as décadas de 1960 e 1970 consolidou a transição da Caldense para o profissionalismo de alto rendimento. A grandiosa marca de 57 partidas de invencibilidade no início da década de 1960 catalizou o potencial futebolístico do clube, enquanto a profissionalização do departamento esportivo, em 1972, teve êxito ao colocar a Caldense na elite do Campeonato Mineiro. O sucesso técnico, evidenciado pelo tetracampeonato do interior¹ (1974, 1975, 1976 e 1977), demandou uma readequação logística que resultou na migração para o Estádio Municipal Ronaldo Junqueira, em 1979, e na subsequente conversão do antigo estádio em um complexo de lazer e esportes especializados para o quadro associativo.

A evolução administrativa da instituição refletiu-se na expansão de sua infraestrutura técnica, exemplificada pela inauguração do centro de treinamento "Ninho dos Periquitos" em 1995. Este investimento em logística e preparação de atletas estabeleceu as condições materiais necessárias para o apogeu competitivo do clube no início do século XXI. Em 2002, a conquista do Campeonato Mineiro em um sistema de pontos corridos não apenas coroou o esforço histórico de profissionalização, mas também consolidou a capacidade da Caldense de converter solidez patrimonial em hegemonia esportiva dentro do cenário estadual².

No cenário do futebol profissional contemporâneo, a Caldense consolidou sua imagem como uma das principais forças futebolísticas do interior mineiro, demonstrando regularidade técnica e competitividade frente às potências da capital, Atlético, América e Cruzeiro. Este prestígio é evidenciado pelos títulos de Campeã do Interior em 2004 e 2015, destacando-se neste último uma

¹ Oficializado pela Federação Mineira de Futebol (FMF), o título de Campeão Mineiro do Interior premia o clube com a melhor campanha no campeonato estadual (Módulo I), excluindo os times de Belo Horizonte.

² Em 2002, o Campeonato Mineiro não contou com a presença de Atlético-MG, Cruzeiro, América e Mamoré de Pato de Minas. Todas estas equipes disputaram o Torneio Rio-São Paulo renunciando ao estadual.

campanha invicta até a final do certame estadual perdendo o título para o Atlético-MG em Varginha. A trajetória recente do clube, marcada por sucessivas chegadas às semifinais (2020 e 2022) e vitórias expressivas sobre o "trio de ferro" da capital em uma única temporada (2021), ratifica a eficiência de seu modelo de gestão esportiva e sua capacidade de enfrentamento em alto rendimento. No entanto, em 2023 o clube fez uma campanha ruim e foi rebaixada para a segunda divisão do estadual (módulo II).

Para além do futebol, a instituição se projeta como um relevante centro de excelência poliesportivo e um polo de convergência social. A infraestrutura do clube, reconhecida pela densidade e qualidade, tornou-se referência nacional a ponto de sediar períodos de treinamento de diversas seleções brasileiras, como as de basquete, vôlei e futsal. O fomento a um amplo espectro de modalidades, que abrange desde esportes clássicos como natação e tênis até práticas contemporâneas como *beachtennis* e *cricket*, demonstra um compromisso com o desenvolvimento integral do desporto e a manutenção de uma tradição eclética que transcende os gramados.

No âmbito sociocultural e demográfico, a Caldense exerce um papel fundamental na dinâmica urbana de Poços de Caldas, configurando-se como um dos maiores clubes sociais do estado de Minas Gerais. Com um quadro associativo que ultrapassa a marca de 14.600 pessoas, entre quotistas e dependentes, a agremiação atua como um espaço de sociabilidade e difusão cultural, historicamente reconhecido pela realização de eventos com figuras exponenciais da cultura brasileira. Essa exuberância associativa proporciona a sustentabilidade econômica necessária para a manutenção de suas complexas instalações, posicionando a entidade como um modelo de equilíbrio entre a função social e o protagonismo esportivo. Na figura abaixo podemos ver o escudo do clube.

Figura 3: Escudo da Caldense



Fonte: Associação Atlética Caldense

O Rio Branco de Andradas

O surgimento do Rio Branco, em 1948, ilustra um fenômeno comum na sociologia do esporte: a dissidência como motor de novas identidades coletivas. A ruptura dos atletas juvenis com o Esporte Clube Andradense não foi apenas um ato esportivo, mas uma resposta a barreiras sociais e institucionais, especificamente a restrição de acesso à sede social e a falta de competitividade prática. Esse movimento de "baixo para cima", liderado por figuras como Sinésio Teodoro e Venício Almeida, reflete a busca por autonomia e representatividade dentro da comunidade de Andradas.

Demorou décadas para o processo de institucionalização jurídica e patrimonial do Rio Branco que revelou ser bem-sucedida. A aquisição definitiva da sede social em 1955, após um período de incerteza dominial, consolidou o Rio Branco FC (o "Azulão da Mantiqueira") como um dos clubes com potencial no Sul de Minas, transcendendo o campo de jogo para se tornar um espaço de convivência e afirmação da identidade sul-mineira.

A transição para o futebol profissional, ocorrida em 1985, marcou o início de um período de excelência técnica que elevou o Rio Branco ao patamar de protagonista no interior de Minas Gerais. Já em 1986, o clube demonstrou sua competitividade ao conquistar o vice-campeonato da Segunda Divisão, garantindo o acesso imediato à elite estadual. O ápice desse amadurecimento técnico deu-se em 1990 e 1992, quando a equipe conquistou o título de Campeão do Interior. Nestas ocasiões, o "Azulão" desafiou a hegemonia da capital, posicionando-se logo abaixo do "Trio de Ferro" de Belo Horizonte (Cruzeiro, Atlético e América), um feito que ratificou a eficiência de seu modelo de gestão esportiva na época.

A trajetória do clube também foi marcada por intensos embates burocráticos e flutuações divisionais. Em 1993, um conflito jurídico com a Federação Mineira de Futebol (FMF) resultou no seu rebaixamento. Na época, a federação decidiu que todas as equipes do interior (com exceção do Democrata de Governador Valadares vice-campeão mineiro de 1991) disputassem uma competição no qual vários clubes seriam rebaixados e poucos continuassem na primeira divisão do estadual. O clube andradense discordou e recusou participar. O preço foi a queda para a segunda divisão.

No entanto, a capacidade de reestruturação do clube foi evidenciada pela rápida recuperação: em 1994, o Rio Branco sagrou-se campeão do Módulo II, retornando à elite. No mesmo ano, o clube expandiu fronteiras ao realizar uma vitoriosa excursão pela Espanha, enfrentando agremiações tradicionais como o Rayo Vallecano e o Atlético de Madrid B, o que conferiu à instituição um raro prestígio internacional para clubes do interior brasileiro (O Azulão da Mantiqueira, 2025).

A resiliência institucional manifestou-se novamente após o fechamento temporário do departamento de futebol em 1997, seguido pelo bicampeonato do Módulo II em 1998 e o tricampeonato em 2006. O último grande triunfo técnico ocorreu em 2009, quando o clube eliminou o América nas quartas de final do Mineiro e alcançou as semifinais, garantindo o seu terceiro título de Campeão do Interior. Com isso, o Rio Branco também teve direito a uma das vagas para representar o estado na Copa do Brasil de 2010, mas desistiu por causa do fim das suas atividades no futebol profissional. A sua classificação deu o direito de ser um dos primeiros representantes de Minas Gerais da Série D do Campeonato Brasileiro de 2009 que iniciava naquele ano. Porém, também renunciou à sua participação (O Azulão da Mantiqueira, 2025). Na figura abaixo podemos ver o escudo do clube.

Figura 4: Escudo do Rio Branco



Fonte: Rio Branco de Andradas Futebol Clube

Fronteiras Culturais em Campo: Caldense x Rio Branco

A rivalidade entre Caldense e Rio Branco ocorreu por vinte anos (1987-2007) e até os tempos atuais faz parte do imaginário dos torcedores de ambos os clubes. O autor que escreve este artigo vivenciou a rivalidade por alguns anos e por isso faz uso da autoetnografia, um método de pesquisa qualitativo a fim de mostrar o seu testemunho. E para enriquecer a temática utilizará como fontes, livros, documentários e reportagens escritas e audiovisuais relacionados aos dois clubes. A intenção é analisar os conteúdos de forma epistemológica e crítica buscando compreender a dimensão da rivalidade entre Caldense e Rio Branco no imaginário social do Sul de Minas envolvendo Poços de Caldas e Andradas.

Trazendo esta discussão para as ideias de campo social de Pierre Bourdieu, o clássico do Sul de Minas é um caso interessante. O capital simbólico envolve o prestígio, o reconhecimento e o direito de ditar a identidade da região. A disputa simbólica ocorre na definição de quem representa a "verdadeira" excelência do interior. No que se refere ao conceito de habitus de Bourdieu, sendo algo que nos faz agir como “se as condições sociais fossem naturais, gerando posturas, valores e gostos” seria a interiorização do social incorporado no corpo e na mente do indivíduo. O torcedor da Caldense e o do Rio Branco possuem esquemas de percepção diferentes: para o torcedor de Poços de Caldas, a vitória é glória de consolidar o status de “superioridade” regional carregada no esplendor da cidade e seu potencial de representação a nível nacional; para o torcedor andradense a vitória é um ato de subversão simbólica, uma prova de que o "menor" pode desbancar o centro regional.

Vale mencionar que outras cidades vizinhas que fazem divisa, como Espírito Santo do Pinhal, São João da Boa Vista, Santo Antônio do Jardim (todas no estado de São Paulo), Ibitiúra de Minas, Santa Rita de Caldas e Caldas (todas de Minas Gerais) sentiam o clima da rivalidade por terem torcedores destas cidades nos estádios para prestigiar o clássico, além de jogadores de ambos os clubes nascidos nestas cidades. Ou seja, era uma rivalidade que sobrepunha o Sul de Minas e chegava ao interior de São Paulo, sendo um clássico que vai além de fronteiras geográficas. Até pelo motivo de ambas as cidades terem clubes profissionais que disputavam um campeonato de grande repercussão (a primeira divisão do Campeonato Mineiro), o que não era a realidade dos outros municípios mencionados.

Podemos entender a fronteira cultural aqui como pertencimento de cada torcedor dentro do seu espaço geográfico que envolve simbologia territorial e sua imagem para “fora”. De um lado, a Caldense representando a riqueza, o prestígio e a liderança regional. Do outro, o Rio Branco fazendo parte de uma cidade com forte influência rural, criando uma resistência como “time do

povo”. Sendo assim, vamos fazer um panorama dos vinte anos da rivalidade entre os dois clubes por meio das fontes escritas e digitais utilizadas para escrever este trabalho.

Desde os anos 1970, a Caldense demonstrava ser a grande força do Sul de Minas e uma das grandes equipes do interior graças as belíssimas campanhas naquela década. Na esfera regional do Sul de Minas, seus grandes rivais eram: Flamengo (Varginha), Esportiva (Guaxupé), Pouso Alegre, Fabril (Lavras) e o Três Pontano Atlético Clube (Três Pontas). Como mencionado anteriormente, o Rio Branco conseguiu atuar como clube profissional em 1986 nas competições da Federação Mineira de Futebol (FMF) e no mesmo ano foi vice-campeão da divisão de acesso conseguindo uma vaga na elite do Campeonato Mineiro de 1987. Poucos anos antes, a equipe se destacava nos campeonatos amadores de Andradas e por meio de uma ação coletiva envolvendo dirigentes e torcedores, conseguiu o reconhecimento da FMF para disputar divisão de acesso (O Azulão da Mantiqueira, 2025). Foi durante este processo que a Caldense e o Rio Branco se enfrentaram pela primeira vez num amistoso em Andradas em 7 de julho de 1985 (Muniz, 2025). O time da casa venceu por 1x0. Era o começo da rivalidade num contexto de baixa auto-estima para os torcedores da Caldense que presenciaram nos anos anteriores campanhas ruins do clube na elite do estadual e o rebaixamento em 1984.

No início de 1985, o clube quase pediu licença das suas atividades da FMF. Porém, manteve-se firme e realizou diversos amistosos com clubes do Sul de Minas e do interior de São Paulo antes de disputar a divisão de acesso no segundo semestre. O Fabril (Lavras) e o Flamengo (Varginha) eram os adversários tradicionais da Caldense no Sul de Minas e nas partidas amistosas a equipe poços caldense perdeu para o Fabril e empatou com o Flamengo (ambos os jogos na casa do adversário nos meses de maio e junho respectivamente) (Muniz, 2025). A derrota para o Rio Branco de Andradas semanas depois demonstrava que a Caldense não era hegemônica no Sul de Minas.

Em decorrência de condicionantes geográficos, políticos e culturais, estabeleceu-se uma rivalidade histórica do ponto de vista esportivo entre os municípios de Poços de Caldas e Andradas, convertendo o futebol em uma representação simbólica da hegemonia regional. No final da década de 1980, esse antagonismo acentuou-se pelas disparidades institucionais: enquanto a Associação Atlética Caldense enfrentava limitações orçamentárias, o Rio Branco apresentava uma trajetória de ascensão financeira. Esse cenário culminou no primeiro embate entre as equipes no Campeonato Mineiro, ocorrido em 15 de abril de 1987, marcado por uma atmosfera de intensa comoção pública no Estádio Ronaldo em Poços de Caldas, que contou com um público pagante de 4.836 espectadores. Apesar da pressão psicológica e do equilíbrio técnico da partida, a Caldense

consolidou sua vitória com um gol do atleta Caio Cambalhota aos 23 minutos do segundo tempo, reiterando a relevância do pertencimento identitário no desempenho esportivo (Muniz, 2025).

O embate do retorno, agendado para o dia 03 de junho, foi marcado pela tentativa do Rio Branco de reverter o revés anterior em seus próprios domínios. No entanto, a torcida da Associação Atlética Caldense compareceu massivamente ao estádio Parque do Azulão, testemunhando a imposição técnica do elenco alviverde, que estabeleceu uma vantagem de dois gols ainda na etapa inicial, com tentos convertidos por Paulo Sereno e Juracy. Embora a equipe de Andradas tenha reduzido a diferença no segundo tempo por meio de Zil, a reação não foi capaz de alterar o desfecho da partida, consolidando nova vitória da Caldense. O encerramento do evento foi caracterizado por uma expressiva manifestação popular: os torcedores recepcionaram o ônibus da delegação e realizaram um cortejo festivo de retorno a Poços de Caldas, convertendo o triunfo esportivo em um ato de celebração coletiva e afirmação de sua hegemonia regional (Muniz, 2025).

Ao analisar os documentários sobre ambos os clubes, percebemos que a rivalidade muitas vezes faz mais parte da memória dos torcedores do Rio Branco do que da Caldense. Uma das principais explicações para isto pode estar relacionada na necessidade de se fazer uma representação na qual a cidade menor (Andradas) conseguia fazer a cidade maior e mais potente em várias áreas (Poços de Caldas) igual ou inferior a ela no aspecto simbólico do esporte mais popular do mundo, o futebol. No documentário “O Azulão da Mantiqueira” (2025), vários entrevistados mencionam a rivalidade do Rio Branco contra Caldense num tom de superioridade. Num determinado momento, Di Conradi (ex gerente de futebol do Rio Branco), menciona que antes mesmo do clube andradense ser profissional, a Caldense vinha para Andradas “várias vezes” para enfrentar o Rio Branco a fim de enfrentar um adversário de “alto nível” em amistosos ao se preparar para o Campeonato Mineiro. Mas, segundo os dados acessados, isto ocorreu apenas uma vez, em 1985, como mencionado anteriormente. Outra perspectiva parte no hino da torcida organizada do Rio Branco, chamada “Mancha Azul”.

O balance, balance, balance
O balance, balance, balance
Agora eu quero ver
No JK³, ola ole
Vamos botar pra f.....

Pode vir a Galoucura
E também a Máfia Azul

³ Estádio Municipal Juscelino Kubitschek em Andradas. Por muitos anos foi chamado de “Parque do Azulão”.

Americanos
Pode descer os c..... da Caldense
Nós somos a Mancha Azul (MANCHA AZUL, hino
da organizada, 1989)⁴.

Percebe-se que a expressão “pode descer” é uma referência a descer a serra que ‘liga as duas cidades. O tom violento nas palavras simboliza força e resistência contra o principal rival. Para Maurício Murad (2020), isto faz parte de uma violência cultural de certas torcidas organizadas. Nesses casos, a música deixa de ser festa para se tornar uma ferramenta que legitima a agressão e demarca o “inimigo”.

Nos depoimentos de membros participantes dos antigos programas esportivos da antiga Rádio Vinícola e da atual TV Andradas (existente desde 1998), o sentimento de orgulho ao mencionar que o Rio Branco “calava o Ronaldão” em Poços de Caldas era algo “maravilhoso” (O AZULÃO DA MANTIQUEIRA, 2025).

Do lado da Caldense, apesar dos documentários e reportagens mencionarem a rivalidade com o Rio Branco, o tema não ganha dimensão. Nem mesmo a torcida organizada “Lama Verde” explora o assunto. Talvez seja reflexo do valor da memória que é seletiva. Segundo Pierre Nora (1997), existem lugares particularmente ligados a tarefa de fazer recordar um determinado período, pois a memória é seletiva, nem tudo é lembrado, nem tudo é gravado, nem tudo é registrado, ou seja, para lembrar é necessário esquecer. As maiores lembranças que se tornaram temas em reportagens e documentários foram os grandes jogos da Caldense contra o Cruzeiro e o Atlético-MG, principalmente nas vitórias conquistadas contra os dois times grandes em Belo Horizonte. Os torcedores do Rio Branco também mencionam no documentário “O Azulão da Mantiqueira” as vitórias do clube contra as equipes da capital, tendo tais feitos a mesma importância quando derrotava a Caldense.

O caso do sentimento de rivalidade que parte do Rio Branco pode ser semelhante ao caso do Vila Nova de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Historicamente, inúmeras pessoas deslocam diariamente para a capital mineira a fim de trabalhar nos setores industriais, comércio, bens e serviços. Chama-se migração ou movimento pendular esse processo. Grande parte desses profissionais de Nova Lima que gostam de futebol são torcedores do Vila Nova. O confronto do time contra os grandes da capital, seja em seu estádio ou em Belo Horizonte, é um símbolo cultural que representa a classe proletária “contra a elite”. Mas, além disso, leva-se em conta a formação cultural da cidade composta historicamente por uma heterogeneidade. Nova Lima,

⁴ Trecho mencionado no documentário “O Azulão da Mantiqueira” (2025).

é composta por “negros, brancos, ingleses, espanhóis, italianos e outros mais de várias partes” e isto teve reflexos no futebol da cidade que possibilita uma identidade (Alves da Silva, 2007). O maior exemplo deste fenômeno está materializado no maior público da história do Mineirão, em Belo Horizonte. Quase 133 mil pessoas estiveram presentes no estádio para assistir à final do Campeonato Mineiro de 1997 no dia 22 de junho (MINEIRAO, 2026).

Apesar dos depoimentos que partem dos documentários da Caldense pouco fazem referência a rivalidade contra o Rio Branco, verificamos a relevância do clássico sul-mineiro no depoimento de ex-jogadores do clube de Poços de Caldas na campanha do título mineiro de 2002. Na reportagem de comemoração dos vinte anos da conquista, o zagueiro Paulista foi questionado sobre a partida mais difícil que a equipe enfrentou na competição. Assim ele respondeu: “Sem dúvida para mim e para todos o jogo contra o Rio Branco de Andradas, o clássico. E lá em Andradas ainda, ter tido a satisfação da vitória. Foi marcante para mim e para os atletas. Fica na memória do torcedor também” (GE.COM.SUL DE MINAS. *Caldense comemora 20 anos do título do Campeonato Mineiro de 2002*, Poços de Caldas, 2022. 13 min).

O *Almanaque da Caldense*, produzido por Renan Muniz e lançado em 2025 para comemorar o centenário do clube, menciona as partidas contra o Rio Branco como uma grande rivalidade. A charge ilustrada no início deste tópico deixa isso nítido. Em maio de 1996, a Caldense venceu o Rio Branco por 1 a 0 com gol de Gilson Batata em Andradas. Assim, “com o resultado, a Caldense quebrou um tabu de quase nove anos contra o Rio Branco, já que não vencida o rival desde junho de 1987” (2025, p.399). Sobre os jogos entre ambos na campanha do título mineiro de 2002, a partida empatada em 3 a 3 no estádio Ronaldo Junqueira em Poços de Caldas foi descrita de uma forma:

Caldense e Rio Branco realizaram um jogo como manda a tradição. No início nenhuma das equipes arriscou muito, mas depois os times se empenharam bastante, deram um show e fizeram um belíssimo jogo de seis gols, mesmo com a chuva no segundo tempo (Muniz, 2025, p.423).

No retorno a partida aconteceu no estádio Parque do Azulão em Andradas. Como mencionado anteriormente, a partida foi 1 a 0 para a Caldense e o resultado foi o mais significativo e importante nas palavras do ex-zagueiro Paulista. O *Almanaque da Caldense* também destaca esta partida.

A equipe esmeraldina jogou com futebol de resultado, com o objetivo de conseguir uma vitória de dar mais um passo para a conquista do campeonato. Paulista salvou uma bola em cima da linha e Beto fez o gol da vitória em rebote de escanteio. A torcida alviverde foi o

ponto alto, cerca de 600 torcedores viajaram para Andradass de ônibus ou em carros particulares (Muniz, 2025, p.424).

A locomoção de torcedores das duas equipes para acompanhar os clássicos faz parte da memória envolvendo a Caldense e o Rio Branco. Para Carlos Alberto Pimenta (1997), dependendo da situação, esse movimento coletivo de corpos gera um "poder de materializar formas" no espaço urbano, onde o "corpo coletivo" em movimento pode intimidar e determinar o comportamento de quem está ao redor.

A estrada principal que liga Andradass a Poços de Caldas é a BR-146 (MGC-146). E durante anos a polícia militar teve que acompanhar os ônibus de jogadores e torcedores dos dois clubes. Afinal, o clima era de violência. Apesar das reportagens e documentários pesquisados não mencionarem este assunto, não foram raras as brigas envolvendo torcedores. Uma boa parte aconteceu em Andradass envolvendo membros da Mancha Azul e da Lama Verde. O autor que escreve este artigo presenciou um ataque ao ônibus da Lama Verde na saída de Andradass, após uma partida entre os dois clubes empatada e 1 a 1, no Parque do Azulão, no dia 17 de março de 1999. Dois anos depois, em Poços de Caldas, na primeira fase do Campeonato Mineiro de 2001, no dia 18 de fevereiro, nas arquibancadas do Ronaldão, um grupo de torcedores da Caldense partiu para cima de admiradores do clube andradense necessitando da intervenção de policiais militares e seguranças para evitar uma briga generalizada. Segundo Samuel Lima,

A disputa por esses elementos e a rivalidade entre torcidas muitas vezes extrapolam o ambiente esportivo, gerando confrontos físicos entre os envolvidos. Em dias de jogos, essas tensões se tornam ainda mais evidentes, sobretudo quando torcedores de diferentes equipes compartilham os mesmos trajetos até os estádios. Para mitigar esses episódios de violência, as autoridades de segurança implementam medidas preventivas, que incluem o monitoramento de torcedores e a escolta policial de caravanas organizadas. Essas ações visam garantir que grupos rivais não compartilhem os mesmos espaços durante o deslocamento, reduzindo, assim, as chances de confrontos diretos (Vidal de Lima, 2025p.40).

Para Luiz Henrique de Toledo (1996), nestes confrontos entre torcedores o corpo é treinado, tatuado e exibido como um símbolo de resistência e fidelidade ao grupo. A violência é vista como uma linguagem simbólica de pertencimento. Segundo Rosana Teixeira (2003), o uso do corpo na briga ou no confronto físico é uma forma de validar a "virilidade" do torcedor. O corpo é o instrumento que prova a coragem e a lealdade.

O ambiente hostil e de grande rivalidade chegou a interferir numa partida em 2004. Naquele ano, o Rio Branco vivia uma péssima fase e vinha sofrendo várias derrotas seguidas permanecendo frequentemente na zona de rebaixamento. No dia 7 de março, o clube andradense era o lanterna do

Campeonato Mineiro e recebia a Caldense que estava bem classificada com grandes chances de ser uma das quatro primeiras a passarem para as semifinais. De acordo com o *Almanaque da Caldense*, antes da partida um grupo de torcedores alviverdes ergueram um caixão do Rio Branco de isopor. Apesar da fase ruim, o clube andradense venceu por 2 a 0⁵. Após o segundo gol, um “torcedor do Rio Branco invadiu o campo com uma bandeira e foi provocar a torcida da Caldense. Ele rebolou em frente ao alambrado onde estavam os torcedores da veterana, que ficaram revoltados e arremessaram todos os tipos de objetos em sua direção” (2025, p. 433). Podemos compreender numa situação dessa o uso do corpo materializado pelo fanatismo que teve consequências ilegais como invadir o campo. Para Richard Giulianot (2002), o fanatismo é analisado como uma “identificação profunda” que pode levar à hostilidade contra o “outro” (o rival), visto como um inimigo que ameaça à integridade da sua própria identidade.

Em 2007 foi a vez da Caldense ser rebaixada dentro de campo. No início do Campeonato Mineiro de 2008, o jornal de Andradas *Folha Andradense* estampava a manchete “O único representante do Sul de Minas estreia hoje no Campeonato Mineiro contra o Ipatinga”. Algo que compreendemos como uma exaltação de orgulho e fortalecimento da identidade do clube que representa a cidade (FOLHA ANDRADENSE, 27 de janeiro de 2008, p.1)⁶

Na histórica rivalidade entre a Caldense e o Rio Branco, houve um momento histórico em que o clube andradense atrapalhou os planos do time poços-caldense e não é mencionado em nenhum dos documentários pesquisados. Em 1999, o Atlético-MG, o Cruzeiro, o América e Vila Nova de Nova Lima participariam do Campeonato Mineiro apenas na segunda fase. As outras oito equipes do interior disputariam a Taça Minas Gerais em jogos de turno e retorno (todos contra todos) e os quatro primeiros colocados se classificariam. O primeiro colocado seria considerado o campeão do torneio com direito a uma taça entregue pela Federação Mineira de Futebol (FMF). Na última rodada, a Caldense liderava a competição juntamente com o Democrata de Governador Valadares com 21 pontos. A URT de Patos de Minas estava em 3º com 19 pontos. As duas últimas equipes citadas tinham um confronto direto. Já a Caldense precisava de uma simples vitória contra o Rio Branco em Poços de Caldas para conquistar o título. Porém, o time de Andradas venceu por 3 a 1 e estragou os planos da Caldense que perdeu o título para a URT que derrotou o Democrata. O clube de Poços de Caldas terminou na 3ª colocação.

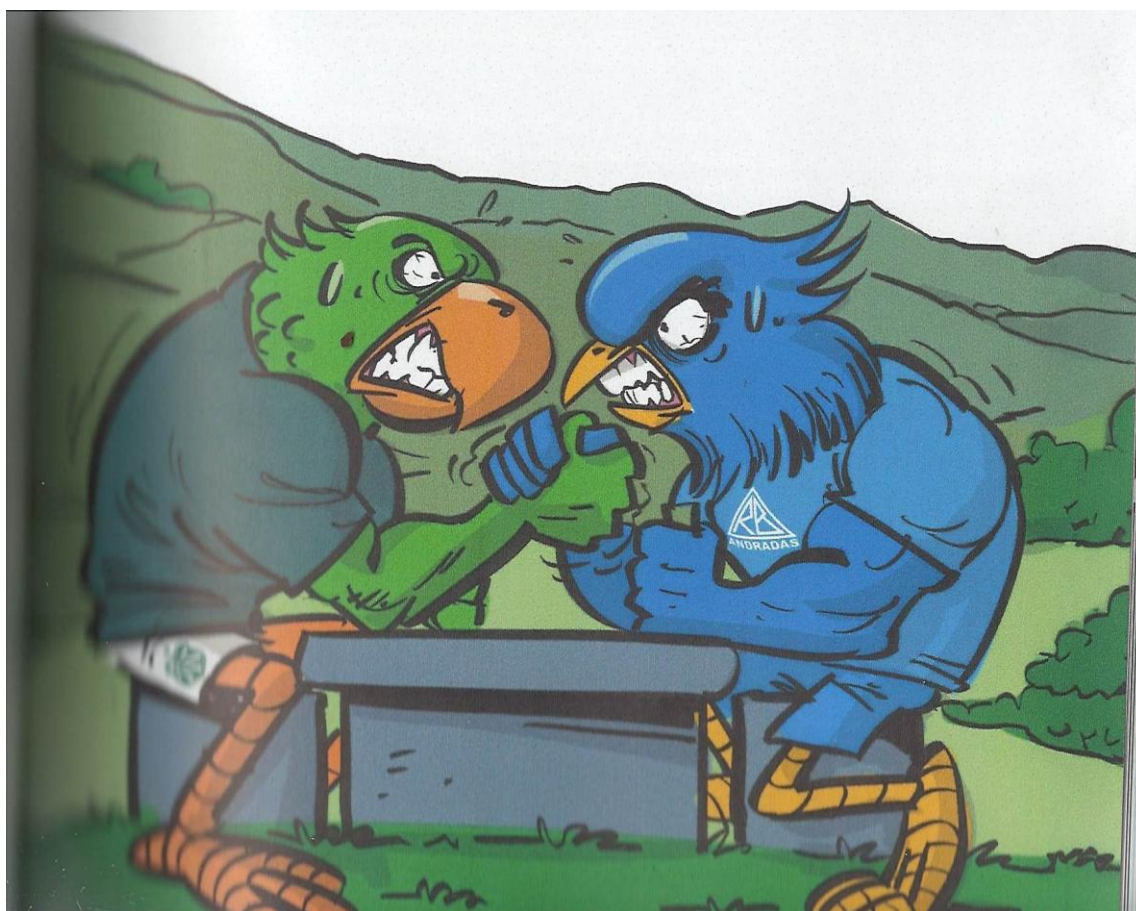
⁵ Apesar da vitória contra o seu maior rival, semanas depois o Rio Branco terminou o Campeonato Mineiro de 2004 nas últimas posições sendo rebaixado para o Módulo II. Foi o único rebaixamento do clube andradense dentro de campo na sua história.

⁶ Este é o único jornal do período que tive acesso para esta pesquisa.

Curiosamente havia poucos torcedores do Rio Branco nas arquibancadas porque o clube já não tinha chances de classificação. No retorno dos ônibus do time para Andradadas no mesmo dia (domingo), os jogadores foram recepcionados na entrada da cidade como “campeões” e uma grande festa com a distribuição de chopes de graça em frente ao estádio para o público.

O desfecho dessa rivalidade, selado em um empate de 1 a 1 no ano de 2007, transcendeu o encerramento de um ciclo estatístico para representar o fim de uma era cultural no Sul de Minas. A análise do retrospecto final — 10 empates, 10 vitórias do Rio Branco e 7 da Caldense — torna-se secundária diante da lacuna sociológica deixada pela extinção do confronto. O desaparecimento do clássico resultou na perda de um importante catalisador de identidade local, afetando o imaginário coletivo e o cotidiano das cidades de Poços de Caldas e Andradadas, onde o futebol servia como o principal elo de engajamento popular e manifestação de orgulho regional. Na figura abaixo podemos observar uma figura com os mascotes da Caldense e Rio Branco numa disputa de braço simbolizando a rivalidade entre os dois clubes e foi publicada no Almanaque da Caldense.

Figura 5: Charge dos mascotes de ambos os clubes numa queda de braço



Fonte: Muniz, 2025, p. 379.

Considerações Finais

O conceito de fronteira vai além da ideia de divisão territorial entre países, ou de divisas nos casos de estados e municípios. É algo que está relacionado a identidades, sentimentos, símbolos e coletividade. Muitas vezes as fronteiras entram em confronto em vários campos (políticos, econômico, social, cultural) e o esporte é um deles. Em se tratando de futebol, a sua prática é um dos grandes meios de externalizar estas fronteiras. E neste trabalho percebemos que a disputa entre dois clubes que representam duas cidades vizinhas na elite do Campeonato Mineiro fez no passado as fronteiras culturais entre ambos os municípios serem materializados dentro e fora de campo.

Percebemos que o esporte possibilita a coletividade externar os mais distintos sentimentos resultando em ações que possam ser positivas ou negativas quando confrontados. O interessante é que Caldense e Rio Branco foram por décadas os únicos representantes do Sul de Minas que geograficamente está distante de Belo Horizonte e a poucos quilômetros da divisa com o estado de São Paulo, onde muitos mineiros torcem para os clubes paulistas ao invés de Atletico-MG e

Cruzeiro. E o interessante é que o fato de serem os únicos representantes da região destacava Andradas e Poços de Caldas nos noticiários esportivos de Minas Gerais e, a nível nacional, quando enfrentavam Cruzeiro, América e Atlético-MG. Ou seja, a externalização da imagem da cidade e o reforço do sentimento de pertencimento para o andradense e o poços-caldense.

Atualmente o tradicional clássico do Sul de Minas não existe mais. E dificilmente devera acontecer novamente devido a realidade do futebol profissional no Brasil que tem um alto custo e cada vez mais depende de investimentos nos quais muitos clubes estão aderindo a Sociedade Anônima do Futebol. O Rio Branco está licenciado e a Caldense busca se reestruturar e voltar a ser uma equipe competitiva. Independentemente do futuro, os confrontos entre os dois clubes estão no imaginário histórico e social de Poços de Caldas e Andradas.

Referências Bibliográficas

ALVES DA SILVA, Daniela. *Cultura Operária: um estudo de caso do Vila Nova Atlético Clube*. Dissertação. UFMG, 2007.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras Lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu*, Petrópolis: Vozes, 2003

BOURDIEU, Pierre. Sociologia geral vol. 2: *Habitus e campo: Curso no Collège de France (1982-1983)*. Petrópolis: Vozes, 2021.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007. 359 p.

GLEZER, Raquel. *Tecendo os fios entre memória e história. [Apresentação]. Italianos da Vila Caracol: a história da imigração italiana em Andradas*. Poços de Caldas, MG: Circulo Italiano di Andradas, 2020.

GOMES, Manuel José. *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação* / Manoel Tubino. -- Maringá : Eduem, 2010. 163 p

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. *Globalization & Football*. Londres: SAGE Publications, 2009.

LIMA, Samuel Vidal de. Futebol, paixão e violência: da introdução do esporte no Brasil à Batalha Campal de 1995 e suas implicações no ato de torcer. 2025. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e Nações*. São Paulo: Contexto, 1997.

MUNIZ, Renan. *Almanaque da Caldense 1925-2025*. Poços de Caldas: Associação Atlética Caldense, 2025.

NORA, Pierre, *Memória colectiva*. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (Dir.). *A Nova História A Nova História*. Coimbra: Edições Almedina, 1997.

ORLANDI, E. Michel de Pêcheux e a Análise do Discurso. *Revista Estudos de Linguagem, Vitória da Conquista*, nº 1, p. 9 -13, 2005.

ROVARON, Carlos Eduardo. *Ocupação da região da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas-MG (Séc. XVIII-XX)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009 (dissertação de mestrado).

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Autores Associados/ANPOCS, Campinas, 1996.

WINTER, Jay. *A geração da memória: reflexões sobre o boom da memória nos estudos contemporâneos de história*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006

Fontes

AZULÃO DA MANTIQUEIRA: A história do Rio Branco de Andradas. Direção de Gilmar Manguci. Andradas: Arterial Filmes, 2025. 1 vídeo (aprox. 94 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gOBTNp1kKPI]. Acesso em: 02. Jan. 2026.

CALDENSE- PAIXÃO E GLÓRIA. Direção de Filipe Vilela Martins. Poços de Caldas: Vilela Martins. 1 vídeo (aprox. 13min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gHxhB2hssVs]. Acesso em: 19.dez. 2025

FOLHA ANDRADENSE. *O único representante do Sul de Minas estréia hoje no Campeonato Mineiro contra o Ipatinga*. 27 de janeiro de 2008, p.1

G1 SUL DE MINAS. *Andradas ganha o título de 'Capital Mineira do Vinho'*. G1, 10 set. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2025/09/10/andradas-ganha-o-titulo-de-capital-mineira-do-vinho.ghtml. Acesso em: 31 jan. 2026.

GOOGLE MAPS. *Mapa de trajeto entre Andradas - MG e Poços de Caldas - MG, via BR-146*. 2025. Disponível em: goo.gl (link encurtado). Acesso em: 31 jan. 2026.

PREFEITURA DE POÇOS DE CALDAS. *Poços de Caldas é premiada em 1º lugar no Congresso Viver SUS Regional*. Poços de Caldas: Notícias, 2025. Disponível em: https://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/pocos-de-caldas-e-premiada-em-1o-lugar-no-congresso-viver-sus-regional/. Acesso em: 31 jan. 2026.

TV CALDENSE. *Título de Campeã Mineira de 2002 da Caldense completa 20 anos*. YouTube, 5 maio de 2022. 10 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nmpAP1u9t_g. Acesso em: 23.dez.2025